

DANÇAS URBANAS NA ESCOLA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE ESTAGIÁRIOS

CALZOLARI, Dandara¹
SARAMARGO, Paulo Henrique
FONSECA JUNIOR, Sidnei Jorge

RESUMO

A dança, inserida nas atividades rítmicas e expressivas, compõe os conteúdos da educação física escolar. As danças urbanas, como representantes da cultura corporal de movimentos, devem ser discutidas na literatura científica, com ênfase em experiências práticas que demonstrem os impactos de sua aplicabilidade no ambiente escolar. O objetivo geral foi discutir os relatos de experiências de dois estagiários que utilizaram as danças urbanas como ferramenta pedagógica no ambiente escolar. As experiências foram narradas com base nas características da descrição do local onde foi realizado o estágio, a recepção dos funcionários (direção, docentes e apoio), desenvolvimento e adesão dos conteúdos por ambos os gêneros. Posteriormente foram descritas as principais informações das narrativas. Concluiu-se que com a adequada utilização das danças urbanas é possível trabalhar temas transversais, conteúdos interdisciplinares, o desenvolvimento motor e cognitivo do aluno, o enriquecimento da identidade cultural, a efetividade da comunidade escolar e discutir criticamente letras de músicas.

Palavras-chaves: Dança; ferramenta pedagógica; Educação Física.

Urbans dances in the school: reports of trainee's experience

Abstracts

The dance inserted in the rhythmic and expressive activities, composes the contents of the physical education. The urban dances as representatives of the body culture of population movements should be discussed in the scientific literature, with emphasis on practical experiences that demonstrate the impacts of its applicability in the school. The aim went to reflect the use of urban dances as a educational tool in the school environment through the experience reports of two physical education trainees. The experience reports was made through of the place where the stage, reception, development and adhesion of the contents by both genders were carried out. The mains narratives informations was described. It was concluded that with the proper use of urban dances it is possible to work on transversal themes, interdisciplinary contents, student's motor and cognitive development, enrichment of cultural identity, effectiveness of the school community and among other contents.

Keywords: Dance; Pedagogical tool; physical education

¹ CALZOLARI; SARAMAGO, alunos do Curso de Educação Física do Centro Universitário UNIABEU; FONSECA JÚNIOR, Prof. Dr. e docente do Centro Universitário UNIABEU e Cap-UERJ.

INTRODUÇÃO

Dentre os diferentes conteúdos da educação física escolar, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de Educação Física (BRASIL, 1997) apresentam a dança, dentro das atividades rítmicas e expressivas, atividade que pode despertar o interesse dos alunos devido seus variados ritmos e estilos. Entretanto, o profissional responsável, ao inserir esse conteúdo dentro da sala de aula, muitas vezes não possui o conhecimento prático e teórico, ou talvez, o interesse necessário para o desenvolvimento de um bom trabalho (BETTI, 1999).

Com respeito às danças urbanas, algumas vertentes observam que o termo foi originado na época da crise econômica dos Estados Unidos, na década de 20, quando músicos e bailarinos dos cabarés, desempregados, foram para rua exibir seus shows. Outra vertente descreve a dança com alusão aos soldados que voltavam da guerra do Vietnã “quebrados”; ainda há as versões da crítica social, ao expressarem movimentos robóticos que significavam a substituição do homem pelas máquinas; e a aparição do *Tap* Americano, uma mistura do sapateado Irlandês com as danças afro. Importante discutir que o termo *streetdance* (dança de rua) também é usado por apresentar os diferentes estilos da dança, como *Funk*, *Locking*, *Popping*, *Breaking*, *Hip Hop Freestyle*, *House Dance*, e *Krump*, assim como as subdivisões desses ritmos (COLOMBERO, 2011).

Talvez o maior conflito na utilização das danças na escola seja a disputa com conteúdos repetidamente abordados, ou seja, esportes populares como o futebol, voleibol e o basquetebol. Podemos afirmar que essa situação não é decorrente da falta de interesse dos alunos, pois em escolas públicas e particulares, embora os esportes sejam motivantes, os alunos demonstram um grande interesse em aprenderem novos conteúdos (BETTI, 1999; PEREIRA; MOREIRA, 2005). Segundo Kunz (1989), o esporte como conteúdo principal pode impedir o desenvolvimento de objetivos mais amplos para a educação física, tais como o sentido expressivo, criativo e comunicativo. Esse contexto é reforçado por Ossona (1988), em um questionamento que se refere à necessidade do homem dançar, citando sobre a dança ir além de uma questão física e contemplando também questões sentimentais, sendo uma válvula de escape por onde escorregam os sentimentos tais como a raiva, o amor, o respeito, alegria, desejos, temores, gratidão, entre outros que muitas vezes ficam presos dentro do indivíduo e não

encontram por onde expressar, a não ser por esta “válvula de escape” que seria a dança.

Como ferramenta pedagógica, a dança é um meio facilitador da aprendizagem (MARQUES, 2010). Nesse sentido, parece importante a possibilidade de discutir sobre a inserção de diferentes movimentos de expressão corporal, assim como qualquer instrumento que seja utilizado no processo ensino-aprendizagem. Desta forma, as danças urbanas como representantes da cultura corporal de movimentos da população, devem ser discutidas na literatura científica, com ênfase em experiências práticas que demonstrem os impactos de sua aplicabilidade no ambiente escolar.

O objetivo deste estudo foi refletir sobre a utilização das danças urbanas como ferramenta pedagógica no ambiente escolar por meio de relatos de experiência de dois estagiários de educação física.

MÉTODOS

A pesquisa em questão propõe a utilização de relatos de experiências, que por meio de abordagem qualitativa tem o intuito da compreensão do fenômeno, tendo como base a descrição, análise e interpretação das informações recolhidas, procurando entendê-las de forma contextualizada. Nesse sentido, este tema foi escolhido mediante a vivência de dois estagiários na aplicação das danças urbanas no ambiente escolar.

As experiências ocorreram após um período de dois anos, em escolas públicas e particulares da Baixada Fluminense, com alunos do 2º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio e aulas que faziam parte de projetos desenvolvidos na escola, sendo ministradas duas vezes por semana com um tempo médio de 50 minutos.

Desta forma, os estagiários narraram sobre os seguintes tópicos: o local das aulas (localidade, infraestrutura, material de apoio); recepção do conteúdo (pelos alunos e pelos funcionários); o desenvolvimento e adesão dos conteúdos por ambos os gêneros; e as divergências e compatibilidades das unidades públicas e particulares. Tais tópicos foram selecionados por serem considerados relevantes pelos pesquisadores para uma reflexão sobre a prática pedagógica das danças urbanas mediante seus conflitos e dilemas. Posteriormente às gravações, os pesquisadores selecionaram e descreveram os pontos mais esclarecedores.

Relatos de experiências dos estagiários na aplicação das danças urbanas no ambiente escolar

Relatos do estagiário 01

Os locais das experiências foram os municípios de Nova Iguaçu e Belford Roxo. As localidades das unidades variaram da região central aos extremos dos municípios e, apesar de se encontrarem na mesma cidade, foi percebida uma notável diferença entre elas, porém nada que exercesse influencia na “bagagem cultural”; todos os alunos possuíam em igual proporção a mesma atração pela dança.

A infraestrutura oferecida pelas escolas variava entre salas de aulas e pátios, deixando bem claro que a dança era um conteúdo novo que ainda não tinha sido aplicado nas unidades, por isso não havia até o momento nas escolas a necessidade de uma infraestrutura adequada. O uso da quadra nas escolas a princípio não era viabilizado, pois existia uma grande dificuldade em associar as danças urbanas com as aulas de educação física, pois os professores alegavam (não claramente, mas deixavam entre linhas) que as aulas de dança eram uma distração pra os alunos.

O material de apoio não implicou em problemas, pois era um material simples que todas as escolas possuem. Ou seja, uma única caixa de som era suficiente para dar uma excelente aula, desde que houvesse boa vontade, corpos dispostos e o interesse dos praticantes.

A recepção dos conteúdos, a princípio era preocupante, pois era um conteúdo novo e os alunos não tinham o costume de ter o contato com as danças propostas dentro do ambiente escolar. Além disso, descobri que em grande parte era julgado pelos funcionários das unidades como uma forma de lazer e não como uma ferramenta pedagógica e, por isso, observei que certas culturas não seriam pertinentes no ambiente escolar.

Em explicações e debates com alguns desses funcionários foi levantado o seguinte questionamento: como separar a cultura, dos seus adeptos (que em nosso caso eram os alunos) sem danificar a identidade deles? A partir do momento que conseguimos fazer com que os funcionários das instituições compreendessem e aceitassem esses fatores e tivessem a visão de que através das danças urbanas teríamos o acesso facilitado a outros conteúdos como atividades interdisciplinares, temas transversais, entre outros, passamos a contar com o apoio e contribuição

deles para filtrar, aprimorar e ampliar a bagagem de danças urbanas dos alunos e transformá-la em uma potencial ferramenta pedagógica dentro da escola.

A recepção pelos alunos do conteúdo me surpreendeu, pois sabia que iriam se familiarizar porque vivenciam as danças urbanas no dia-a-dia, contudo, não imaginava que o interesse seria tão grande a ponto de se transformar em “moeda de troca”. Ou seja, os alunos com problemas comportamentais não participariam das aulas de dança até mostrarem uma mudança positiva no seu perfil. Já pelos funcionários, a princípio, a recepção foi receosa, mas no decorrer das aulas foi possível perceber uma mudança visível em relação ao conteúdo, mostrando claramente que ficaram contagiados pela proposta, se tornando mais dispostos a colaborar com as aulas.

De imediato, o interesse dos alunos ocorreu por ser algo incomum no ambiente escolar e os resultados foram diversos e visivelmente notados pelos profissionais que presenciaram essas práticas. Em relação ao aproveitamento do conteúdo aplicado podemos dizer que foi gradativo, mas que apresentaram resultados relativamente rápidos. Em questões comportamentais, os funcionários das unidades declararam que os alunos com comportamento negativo agora tinham destaque positivo; em questões motoras, foi perceptível um grande desenvolvimento dos alunos quanto a tempo, espaço, locomoção, coordenação motora e um grande avanço na autonomia dos alunos; já em questões coletivas e inclusivas notamos além do crescimento do respeito mútuo entre os alunos, uma total preocupação entre eles em que ninguém fosse deixado de fora ou ficasse para trás; também foi notável a participação e interação dos pais e familiares com o conteúdo proposto, demonstrando total afinidade com o mesmo; e, por fim, a quebra do preconceito entre os gêneros (que foi um dos grandes problemas que encontramos, pois meninas e meninos não aceitavam participar juntos das mesmas atividades).

Utilizamos as danças urbanas que era o foco da experiência para realizar uma desconstrução de pensamento com coreografias em casais e no decorrer do processo, como em uma progressão pedagógica, transformamos os casais em trios, os trios em quartetos mistos e ao fim chegamos aos grandes grupos de quinze, vinte e até trinta alunos dançando juntos sem se preocupar com o gênero do indivíduo ao lado.

O desenvolvimento do senso crítico dos alunos também foi observado, onde no decorrer da experiência passaram a ser mais seletos em relação ao ritmo,

letras e gestos que não seriam adequados e pertinentes ao proposto, elevando assim o nível cultural de cada um. Em relação às manifestações culturais podemos afirmar que os alunos que participaram da experiência deixaram de ser parte inconsciente da cultura e de serem levados por ela, passando a ser praticantes conscientes e a contribuir com ela, como por exemplo, em datas comemorativas e manifestações culturais dentro da escola, os alunos faziam questão de participar das mostras de dança desde a escolha das músicas e do figurino até a execução das apresentações, mostrando então um claro interesse em se comunicar com a cultura.

Referente às compatibilidades e divergências entre as escolas públicas e particulares, para mim foi indiferente a situação da unidade escolar.

Relatos do estagiário 02

As atividades foram realizadas em escolas públicas e particulares de Nova Iguaçu e Belford Roxo. Foram poucas as variações sobre as unidades, pois se localizavam em cidades diferentes, porém nada que tornasse a experiência difícil. A grande maioria dos alunos já tinha conhecimento cultural sobre o que eram danças urbanas, o que tornou a apresentação do conteúdo muito positiva, com isso tive a ajuda desses em relação aos que não tinham conhecimento.

Em relação à infraestrutura encontrei variações de ambientes para a prática, pois as escolas não possuíam salas de danças, com isso as aulas variavam de salas de aula a pátios. A quadra esportiva sempre estava sendo utilizada com outras atividades, com isso houve dificuldade em utilizá-la. Quanto ao material não tive problemas, pois todas as escolas tinham caixas de som, que era realmente o que precisava. O empenho dos alunos também tornava as aulas bastante produtivas. O receio seria como a escola, professores, alunos e funcionários iriam recepcionar o conteúdo a ser apresentado, pois se tratava de um conteúdo pouco comum no ambiente escolar e muitos viam como forma de lazer e não uma ferramenta pedagógica.

A recepção dos alunos logo nos surpreendeu, pois eles se identificaram com o conteúdo apresentado e por terem contato no dia-a-dia, a aplicação foi muito boa, isso tornou o trabalho muito produtivo. O interesse e empenho dos alunos também foi um grande aliado nosso, pois aplicando os conteúdos, conseguimos ver mudanças em relação a outras disciplinas e no comportamento dos alunos.

Como já era previsto, os funcionários se mostraram travados no começo quanto ao trabalho que iria ser apresentado. Com o passar do tempo eles puderam

ver que o conteúdo estava ajudando a melhorar o comportamento dos alunos nas aulas e o desempenho em outras disciplinas, talvez a escola tenha visto um novo significado. Por fim, eles reconheceram que o trabalho era bastante produtivo e todos se propuseram a nos ajudar e serem mais participativos em todas as aulas aplicadas.

Os resultados em relação ao conteúdo foram bem positivos. Alunos com rendimento abaixo da média e comportamento questionado por professores já estavam sendo elogiados por professores e funcionários. Tivemos melhoras também em relação a questões motoras e o desenvolvimento foi muito positivo dos alunos quanto a tempo, locomoção, espaço e coordenação motora, pois durante as atividades conseguimos logo identificar essas mudanças. Questões coletivas e inclusivas foram fatores que pudemos ver grandes melhoras, pois existia preocupação para que todos participassem das atividades e aquele com algum tipo de dificuldades tinham ajuda de colegas. E por fim a participação de familiares, professores e funcionárias que passaram a ver esse conteúdo como um método positivo a ser integrado nas escolas.

Foi indiferente a apresentação em escolas privadas e públicas, claro que em certos momentos tive que adaptar ambientes, ter paciência em relação a dificuldades com alguns alunos, mas nada que pudesse atrapalhar. O conteúdo foi apresentado da mesma forma em ambas e os conhecimentos dos alunos foram muito importantes para que pudessem obter os resultados procurados durante a pesquisa.

DISCUSSÃO

Ao observar a aplicação do conteúdo danças urbanas em escolas, percebe-se que no trabalho desenvolvido pelos estagiários houve uma atenção especial para a teoria da aprendizagem significativa (AUSUBEL; NOVAK; HANESIAN,1980), que consiste em valorizar o conhecimento prévio do aluno e utilizá-lo como ferramenta para o ensino de novos conteúdos.

As danças já vistas pelos alunos através dos pais, amigos e parentes em ambientes como a casa, festas e ruas foram aplicadas dentro do ambiente escolar como ferramenta pedagógica, sendo alcançada uma excelente adesão, uma grande afinidade dos pais e responsáveis com o conteúdo e uma visão mais ampla e positiva dos funcionários das instituições escolares sobre o assunto.

Diante de um dos objetivos da Educação Física escolar que é integrar os alunos na Cultura Corporal de Movimento, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, formando os cidadãos que irão usufruir partilhar, produzir, reproduzir e transformar as manifestações populares (DAOLIO, 2004), foi possível perceber que através das danças urbanas ocorre a aproximação dos alunos com suas respectivas culturas, desde suas origens até a atual situação. Assim, devem ser consideradas peças fundamentais dentro das manifestações populares e responsáveis para que a mesma não se perca. Em geral, as danças urbanas são maneiras de se comunicar com a história e também fazem parte dela.

A observação do desenvolvimento do senso crítico dos alunos, através de análises de ritmos, letras de música e gestos corporais, demonstra que embora as experiências relatadas tenham sido parte de um projeto extracurricular, as danças urbanas seriam de grande valia nas atividades curriculares, pois facilita a introdução de outros conteúdos como conhecimento sobre o corpo, sexualidade, cidadania, ética, pluralidade cultural e atividades interdisciplinares, favorecendo o desenvolvimento do projeto político pedagógico em função de um determinado tema transversal. Bocchini e Maldonado (2015) citam um conjunto de atividades desenvolvidas a partir de aulas de *funk*, como por exemplo, questões a respeito da sexualidade e da violência, parecendo que a música e a dança pode ser um útil para a discussão de temáticas polêmicas.

Considerando toda a interação entre alunos com mais ou menos habilidades, é importante observar que as danças constituem um conjunto de práticas corporais caracterizadas por movimentos rítmicos, organizados em passos e progressões pedagógicas específicas, na maioria das vezes integradas a coreografias, fato que nos permite também afirmar que esta potencial ferramenta pedagógica nos permite trabalhar a coletividade, a socialização, cooperação e a inclusão dos alunos sem deixar a desejar a outros conteúdos da educação física. Como cita Setenta (2008), o corpo é gerador de novas linguagens e, portanto, movimento em permanente comunicação.

No que se refere à questão de participação de gêneros nas atividades, observou-se que a adesão dos conteúdos foi igual para ambos ao fim da experiência. Porém, como foi citado no relato, uma das maiores dificuldades encontradas na experiência relatada foi o fato de meninos e meninas terem um grande preconceito em praticarem as mesmas atividades juntos. Desta maneira,

parece necessário, logo no início realizar um trabalho de desconstrução de pensamentos em relação ao preconceito de gênero que pareceu recíproco entre meninos e meninas. Parece, ainda, que a popularidade das danças urbanas pode ser importante para quebrar o estereótipo de que a atividade de dançar é tipicamente feminina, como foi citado no estudo de Wenez, Sttiger e Meyer (2003), que observou as atividades desenvolvidas nos recreios escolares e constatou rejeição dos meninos de estarem participando de atividades dançantes juntos com as meninas, pois deveriam estar ajustados aos comportamentos masculinos.

A questão dos funcionários a princípio serem receosos em relação ao conteúdo, se atribuía ao fato de não conseguirem de imediato compreender as danças urbanas como uma ferramenta pedagógica, muito pelo contrário, indo de encontro a determinadas opiniões coletivas de que certos tipos de cultura deveriam ser deixados do portão da escola para fora, o que gera dificuldades em trabalhar alguns ritmos das danças urbanas. O estudo de Bocchini e Maldonado (2014) diagnosticou uma imagem preconceituosa sobre o ritmo musical *funk* em uma escola do município de São Paulo, sendo necessária a desmistificação desta imagem negativa para dar vozes a uma minoria que sofre preconceito e valorizar essa manifestação da cultura popular negra. Ao considerar as práticas corporais urbanas, Saravi e Honorato (2017) relatam que tais práticas desenvolvem um conjunto de processos sociais e de identidade, e muitas vezes são comumente esquecidas ou ignoradas, enquanto conteúdos anuais nos planejamentos da educação física.

Desta forma, pareceu importante a conscientização desses funcionários durante a execução do trabalho após a percepção desta dificuldade. Se um dos deveres da escola é assegurar a todos uma formação que ajude o aluno a se transformar em um sujeito pensante, crítico e autônomo (LIBÂNEO, 1998), então, de comum acordo, surge um consenso que seria impossível fazer com que o aluno deixasse sua identidade cultural do lado de fora do portão da escola. Segundo Massenzio (2005), cultura é a forma ou o jeito comum de viver a vida cotidiana na sua totalidade por parte de um grupo humano, incluindo comportamentos, conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes, hábitos, aptidões, tanto adquiridos como herdados, tornando-se então parte da identidade do indivíduo. Segundo Neira e Nunes (2011) os estudos culturais propagam uma educação que coloca em desvantagem os conhecimentos de grupos de menor nível

socioeconômico, visto que os gostos, comportamentos, a moral, o conhecimento e a linguagem são controlados por grupos elitizados.

As danças urbanas serem abordadas somente em experiências como atividade extracurricular limita a possibilidade de apresentar uma visão geral sobre o que poderia ocorrer com a aplicação desse conteúdo dentro do contexto das atividades curriculares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode ser observado nessa pesquisa, diante dos relatos de experiências de dois estagiários, que as danças urbanas evidenciam uma ferramenta importante para o desenvolvimento dos alunos no contexto escolar. Entretanto, os profissionais de Educação Física devem estar atentos para utilizá-las de forma eficaz. A utilização da dança como uma estratégia para a aprendizagem pode trazer benefícios tanto para os alunos, que terão condições facilitadoras para um desenvolvimento global, quanto para os professores, que poderão utilizar mais um recurso para atingirem seus objetivos escolares.

Concluiu-se que as danças urbanas deve ser um conteúdo de grande valia para atividades extracurriculares e possivelmente nas atividades curriculares, pois apresenta efetivos resultados no desenvolvimento motor e cognitivo, na socialização e inclusão, no enriquecimento da identidade cultural, na desconstrução de pensamentos preconceituosos (tanto em relação aos indivíduos, quanto em relação à cultura propriamente dita), no desenvolvimento crítico e autônomo, na facilitação da inserção de novos conteúdos, no desenvolvimento de temas transversais e dos projetos políticos pedagógicos, por ser um conteúdo de caráter popular.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D.P; NOVAK, J.D; HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BETTI, I. C. R. **Esporte na escola: Mas é só isso, professor?** *Motriz*, v1, n1, p25 - 31, 1999.

BOCCHINI, D.; MALDONADO, D.T. Estudos culturais em ação: tematizando o funk na escola pública. **Cadernos de Formação RBCE**, v5,n1, p33-44, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

COLOMBERO, R. M. M. **Danças Urbanas**. In: Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar-FEUSP 2011. Disponível: http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda_2011_09.pdf Acesso em: 01 jul. 2017.

DAÓLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

KUNZ, E. Educação Física: Concepções e mudanças.. **Revista Brasileira de Ciências e de Esporte**, 10. ep. p. 23-31,1989.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.

MARQUES, I. A. **Dançando na escola**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MASSENZIO, M. **A história das religiões na cultura moderna**. São Paulo: Hedra, 2005.

NEIRA, M.; NUNES, M. L. F. Contribuições dos estudos culturais para o currículo da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v33, n3, p. 671-685, 2011.

OSSONA, P. **A educação pela dança**. São Paulo: Summus, 1988.

PEREIRA, R. S.; MOREIRA, E. C. A participação dos alunos do ensino médio em aulas de educação física: algumas considerações. **Revista da Educação Física**, v16, n2, 2005.

SARAVÍ, JR; HONORATO,T. Las prácticas corporales urbanas y su posible inserción em lãs clases de educación física em la escuela secundaria. **Revista Pensar a Prática**, v20, n2, 2017.

SETENTA, J. **O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade**. Salvador: Edufba, 2008.124p

WENETZ, I.; STIGGER, M. P.; MEYER, D. E. As (des)construções de gênero e sexualidade no recreio escolar. **Revista de Educação Física e Esportes**, v27, n1, 2013.